



Apresentação - Dossiê Paul Ricœur

É com satisfação que apresentamos o Volume 12, Número 26, da *Pensando - Revista de Filosofia*, dedicado ao filósofo francês Paul Ricœur (1913-2005). Neste Dossiê Paul Ricœur, os autores e autoras discutem temas das obras *Soi-même comme un autre*¹, publicado em 1990, e *La mémoire, l'histoire et l'oubli*², publicado em 2000, as quais completaram 30 e 20 anos, respectivamente, no ano passado. Ao longo das décadas, essas obras vêm despertando interesse de pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas, em razão dos conceitos de “identidade narrativa”, “pequena ética”, “memória”, “representação histórica” e “perdão”, para citar alguns.

No artigo *El tacto de si como otro. Fundamentos perceptivos de una ética encarnada en la hermenéutica de Paul Ricœur*, Francisco Díez Fischer (CONICET/UCA – Argentina) propõe investigar a questão do tato em *Soi-même comme un autre*. Díez Fischer analisa dois usos do termo, sendo que o primeiro se refere à virtude moral de “ter tato” no trato com os outros, e o segundo se refere ao sentido perceptivo do tato, graças ao qual o corpo é percebido como próprio. Díez Fischer defende que o ter tato com os outros é uma virtude fundamental no início e no final do caminho para a sabedoria prática e que por meio da percepção tátil tem-se acesso e se dá a apropriação do fundo carnal de passividade que fundamenta a teoria de ação e cumprimento ético proposto por Ricœur. Além disso, advoga que é possível estabelecer uma ligação entre os dois significados, ético e perceptivo. Trata-se de um trabalho bastante inovador por se tratar de uma temática ainda pouco explorada na filosofia de Ricœur.

No artigo *Éthique et narrative: le dialogue de Ricœur avec Peter Kemp*, Roberto Roque Lauxen (UESB) propõe o debate entre Peter Kemp e Paul Ricœur acerca da relação entre a narrativa e a ética. Lauxen apresenta a posição defendida pelos dois autores, com destaque para o aspecto teleológico da ética de Ricœur, buscando pontos de convergência com Kemp. O autor sustenta a tese de que há uma autonomia relativa do campo semântico da ética e do campo da narração a partir da investigação da identidade ética encarnada na capacidade de imputar e de prometer em *Soi-même comme un autre*. A discussão é muito pertinente diante do cenário do mundo atual.

No artigo *A prática ética da justiça*, Walter F. Salles (The Society for Ricœur Studies) discute a questão da prática ética da justiça sem se restringir ao ordenamento jurídico, colocando-a na intersecção entre a ética e a justiça a partir de uma aproximação hermenêutica. O autor defende a necessidade de educar as novas gerações tomando por base valores fundamentais, tais como, a honestidade e a busca pela verdade e dá uma contribuição relevante para a pesquisa e a divulgação do pensamento filosófico contemporâneo, estabelecendo uma relação entre a hermenêutica jurídica e a hermenêutica filosófica.

No artigo *Hermenêutica do si e ação em Paul Ricœur*, Cláudio Reichert do Nascimento (UFOB) apresenta a relação entre a hermenêutica do si e a ação em Paul Ricœur. Reichert do Nascimento afirma que embora seja possível distinguir os modos de

¹ RICŒUR, Paul. *O Si-mesmo como um outro*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

² RICŒUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ação (falar, agir, narrar, ser imputado), estes estão relacionados a um agir fundamental assentado sob a ontologia do ato, que sustentaria a unidade analógica das ações praticadas. Para mostrar isso, o autor expõe três esquemas: (i) o esquema didático, (ii) o esquema reflexivo e (iii) o esquema heurístico.

No artigo *Una antropología filosófica en clave fenomenológico-hermenéutica - y 'en la escuela' de Paul Ricœur*, Tomás Domingo Moratalla (UNED – Espanha) defende que a antropologia filosófica possa ser entendida como filosofia primeira e toma a antropologia filosófica de Ricœur como partida para pensar aquela. O autor considera que Ricœur apresenta elementos para se pensar uma antropologia filosófica que é antropológica sem ser antropocêntrica. A antropologia filosófica pode ser concebida como filosofia primeira em razão de falar do ser humano e daquilo que pode estar para além do ser humano, bem como por colocar em questão o tipo de ser dos seres humanos. Nesse sentido, a antropologia filosófica como filosofia primeira pergunta pelo estatuto ontológico do ser humano. Do ponto de vista metodológico, Moratalla explora o tema a partir de fios independentes, mas que unidos ensejam uma proposta concreta de antropologia filosófica.

Em *Memória, história e identidade, em Paul Ricœur ou a legitimação para reverter uma injustiça epistêmica*, Fernanda Henriques (Universidade de Évora/ PRAXIS-UE) explora os temas da memória, história e identidade em Paul Ricœur, a fim de defender a necessidade e a legitimidade da configuração de novas discursividades no que concerne às questões antropológicas. A autora busca explorar perspectivas diferentes das canônicas e tradicionais e busca por um narrar o passado de outra maneira para que se reverta a situação epistemologicamente injusta de apagamento das memórias coletivas sobre a produção das Mulheres e de temas e textos que abordaram a temática das Mulheres e do feminino a partir de óticas diferentes daquelas que ficaram registadas nos cânones. Trata-se de excelente trabalho que servirá como fonte de pesquisa no meio acadêmico, visto que propicia o diálogo com questões contemporâneas, como a injustiça epistêmica.

No artigo *Fragilidade das identidades*, Noeli Dutra Rossatto (UFSM) examina como os paradoxos da identidade temporal e da identidade pessoal recebem uma resposta narrativa. Discute também as fragilidades das identidades coletivas e argumenta que as fragilidades das identidades, tanto no campo da imaginação como no da memória, levam a dois desequilíbrios principais nessa dialética em que o pêndulo tende unilateralmente ou para a identidade-*idem* ou para a identidade-*ipse*. A discussão acerca da fragilidade das identidades na obra de Ricœur é ainda pouco explorada nos termos propostos neste artigo, desta forma, se trata de uma excelente contribuição ao debate.

Em *Paul Ricœur e o tema do perdão*, Constança Marcondes César (UFS/PUC-Campinas) aborda como o perdão surge, ao longo da reflexão de Ricœur, na obra *La mémoire, l'histoire et l'oubli*, com destaque para o *perdão difícil*. A autora discute como o perdão é objeto da reconciliação, através do *reconhecimento* do outro, e mostra como o tema do perdão se inscreve em Ricœur a partir da *memória apaziguada*, entendido como consideração dirigida à dignidade do outro.

No artigo *Acolher o outro: notas sobre a comunicação em Nabert e Ricœur*, Cristina Viana Amaro Meireles (UFAL) trata do acolhimento do outro a partir do problema da comunicação em Jean Nabert (1881-1960) e Paul Ricœur. A autora explora as aproximações e as divergências entre os dois filósofos, mostrando que se, por um lado, compartilham a dificuldade da existência efetiva da comunicação total e a necessidade de compreender a comunicação para além do mero processo linguístico segundo o esquema emissor – mensagem – destinatário, por outro, eles diferem quanto ao posicionamento prático diante da ameaça de incomunicabilidade. O artigo põe em diálogo duas perspectivas da filosofia reflexiva francesa, contribuindo para que os leitores de língua portuguesa, especialmente, o leitor brasileiro, tenha contato com a obra de Nabert, ainda pouco difundida no país.

No artigo *Ricœur e as veredas na ética*, Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI) expõe a elaboração de uma *Poética* formulada por Paul Ricœur ao longo dos seus estudos sobre narrativa e a linguagem. Brito destaca como a formação ética dos indivíduos por meio de grandes narrativas é abordada pelo filósofo francês. Com o intuito de mostrar a

tese sobre o papel das grandes narrativas na formação ética, o autor apresenta uma análise da obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, buscando a interdisciplinaridade entre a filosofia e a literatura.

Desejamos uma profícua leitura!

José Vanderlei Carneiro (UFPI)
Cláudio Reichert do Nascimento (UFOB)
Editores-Especiais